

UMA MEMÓRIA FEITA DE SOMBRAS: A EXPERIÊNCIA DA DITADURA EM *TROPICAL SOL DA LIBERDADE*

Manoelle Gabrielle GUERRA *

- **RESUMO:** As memórias da ditadura têm-se expandido e ganhado voz ao longo das últimas décadas, colocando em evidência os diversos âmbitos atingidos por tal episódio e suas decorrências no interior tanto das esferas públicas como também das privadas. Sob essa perspectiva, o presente artigo tem por objetivo discutir a representação do regime militar em *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado, publicado em 1988, observando o modo como esse evento histórico aparece inserido no interior da vida familiar das personagens. A repressão, a violência e o exílio vividos pela protagonista são rememorados à luz da relação desconcertada que existe entre mãe e filha, as duas mulheres centrais da narrativa, configurando um olhar feminino sobre a ditadura com destaque para a figura materna. A memória torna-se peça chave para a representação e, nesse sentido, a reordenação do passado histórico do país se entrelaça à reconstrução das lembranças familiares, mostrando a influência desse evento no universo íntimo das personagens, determinando seus caminhos. Ao longo desse processo, a escrita surge como estratégia eleita pela protagonista para mostrar essa experiência e dar vazão à reelaboração de toda a dor vivenciada por ela e por tantos outros.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Tropical sol da liberdade. Memória. Ditadura militar.

Ana Maria Machado, conhecida no meio literário majoritariamente por seus livros infantis e juvenis, possui em sua produção nove romances dentre os quais se encontra *Tropical sol da liberdade*, o qual figura na lista de obras que abordam o período da ditadura civil-militar no Brasil, entre 1964 e 1985. Publicado em 1988, o romance traz discussão aberta sobre o período, destacando os anos de chumbo, e não sofre o encargo de passar pelo crivo dos censores, uma vez que a abertura política do país já estava praticamente terminada no ano de lançamento e as primeiras eleições diretas, no ano seguinte, colocam fim definitivo ao regime autoritário até então vigente.

* Doutoranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – manuhguerra@gmail.com.

Tropical sol da liberdade conta a história de Lena, jornalista que se exilou durante a ditadura e retornou ao país depois de passar vários anos morando na França. Seu retorno se dá acompanhado por uma doença desconhecida. Essa ocasiona desmaios e faz com que ela se torne dependente de uma medicação que a impossibilita de fazer aquilo que melhor sabe: escrever. Em busca de refúgio e descanso, a protagonista viaja para a casa à beira-mar da mãe e lá permanece acuada, tentando entender a dimensão de suas dores e de que forma elas estão relacionadas ao seu passado que constantemente se faz presente.

Amália - mãe de Lena - é uma mulher forte que protegeu seus seis filhos, vários deles envolvidos no Movimento Estudantil. Recebe a filha de braços abertos, embora não consiga compreender seu constante afastamento em relação à família, seus relacionamentos confusos e seus segredos. Lena tornou-se a mais arredia dentre todos, a mais independente e a que mais desconhece. Seu silêncio luta contra as investidas curiosas da mãe, a preocupação constante que esta tem em saber as aflições da filha e em acalantar suas dores. Essa batalha silenciosa se estende ao longo do romance, que se desenvolve permeado pelas lembranças que ambas possuem dos momentos mais conturbados vividos pela família.

A narrativa, construída por meio de uma voz heterodiegética, tem como pontos focais Lena e Amália, filha e mãe, gerando, em seu decorrer, um conflito de pensamentos. O interior dessas duas mulheres é exposto e, desse modo, pode-se compreender melhor a medida dos sentimentos que, ao mesmo tempo, unem e separam-nas. O passado representa a forma de realinhar a vida dessas duas mulheres, delas revisitarem os momentos de dor para perceberem quão forte cada uma delas se tornou com o passar dos anos e, assim, buscar reestabelecerem os laços que o tempo enfraqueceu.

O que começa com uma tarde propícia ao nostálgico trabalho de reorganizar a caixa de fotos da família, transforma-se em uma volta aos anos mais obscuros da história do país e de suas vidas. A memória assume papel essencial na composição desse romance, sendo a porta de acesso para um passado que mescla o individual e o coletivo, o pessoal e o histórico. Nesse contexto, Ximena Barraza (1980, p. 167) afirma, em “Notas sobre a vida cotidiana numa ordem autoritária”, que:

[...] lembrar o passado é sempre também um modo de recorrer ao amanhã, de construir um projeto. A memória tende, quando não é um sonho onírico, à comunicação. É uma recriação coletiva; por meio do outro e com ele afirmamos o passado, já não como biografia pessoal, mas como história compartilhada. Recusar o esquecimento é, além disso, assumir a dor. Fazer memória é a tentativa de compreender as feridas e explicar as cicatrizes: tomar consciência. A consciência histórica rompe com a atitude mimética, que se encerra sem conflitos sobre a realidade.

O movimento de retorno empreendido na narrativa ocorre, principalmente, porque essas lembranças são dolorosas e transformaram completamente as vidas da mãe e da filha. A reelaboração da memória se faz primordial para que ambas consigam não somente lidar com o passado, mas também se colocar diante de novas perspectivas para o caminho que ainda têm pela frente. Assim, a dor mostrase como o sentimento que as conecta nesse presente em que se sentem tão distantes, evocando os momentos de maior união entre elas.

A fotografia, posta por Roland Barthes (2012, p. 14), em *A câmara clara*, como “a Contingência soberana”, guarda em si um instante que jamais se repetirá em existência. Por essa razão, evoca o pretérito por meio da representação imagética de passagens. Ao sentarem-se para organizarem as fotos, Lena e Amália se dispõem a visitar uma memória individual e, ao mesmo tempo, coletiva, uma vez que as fotografias remontam à história de uma família, de um grupo social que habita um espaço comum: a casa. Ao mesmo tempo, extrapolam-se as barreiras que cercam esse ambiente privado.

A narrativa empreendida por Ana Maria Machado discute o período funesto vivido no Brasil, mas com perspectiva voltada à figura da mulher; Lena e Amália ocupam o centro do romance e, por meio de suas vivências, irradiam a história de outras tantas mulheres. Nesse ínterim, a figura da mãe destaca-se e, então, pode-se perceber a dimensão do papel feminino no interior da luta contra a ditadura. Em seu livro *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*, Ana Maria Colling (1997) discute o regime militar por uma perspectiva feminina, reunindo relatos de mulheres que participaram não somente dos movimentos estudantis como também da luta armada, muitas tendo sido presas e torturadas. Desse modo, ela lança luz sobre os vários aspectos do “ser mulher” em meio à um conflito político, tanto no espaço privado da família, ocupando papéis de mãe, esposa filha e irmã, como também no espaço da revolução, no qual foi, por vezes, obrigada a anular sua feminilidade.

Ao considerar as relações no âmbito privado durante esse período, a historiadora destaca que o endurecimento do regime nos anos finais da década de 60 influenciou diretamente na dinâmica interior das famílias daqueles que militavam contra a ditadura. O aumento das prisões fez com que os pais se colocassem em uma posição intransigente de defesa aos filhos, principalmente no tocante às mães, independentemente da ideologia defendida por eles. O possível abandono por parte da família, por medo do governo, transformou-se em luta constante pela salvação de filhos e de filhas que, muitas vezes, não escaparam vivos do embate contra as forças repressoras.

Amália representa justamente essa mulher que se colocou prontamente ao lado dos filhos, os quais eram muitos e estavam plenamente envolvidos com as lutas da esquerda militante. Marcelo, irmão de Lena, era líder estudantil e tomou frente em diversas manifestações, fazendo com que sua mãe se dispusesse a

seguir as passeatas e a estar presente nos comícios, sempre na tentativa de zelar por ele e pelos demais que lá estivessem:

Era o meu lugar. Eu sabia que pelo menos cinco filhos meus iam pra rua naquele dia: Marcelo, até o Fernando que veio pro Rio, você, Teresa, Cristina. E estava tudo proibido, o governo ameaçando, era logo depois daquele dia em que atiraram no pessoal na saída da reitoria... Eu não podia ficar em casa fazendo crochê... (MACHADO, 2012, p. 97)

Lena se surpreende ao tomar consciência do envolvimento da mãe, não somente nas passeatas, mas também nas tentativas de ajudar a levantar dinheiro e na defesa da imagem dos filhos. Amália conta que ela e as amigas se reuniam para fazer compotas, crochê, *tricot*, casaquinhos e outras coisas para venderem em bazares e arrecadarem fundos, fazendo o repasse a um padre que era colaborador direto do movimento estudantil. Uma amiga da família, por outro lado, dedicava-se a fazer propaganda contra o regime nas filas, acordando cedo todos os dias e entrando em filas nos comércios apenas para relatar os horrores do regime às pessoas que ignoravam os fatos.

Essas mães e mulheres faziam aquilo que estava ao seu alcance e mostravam que, apesar de não serem guerrilheiras e militantes, tinham consciência da necessidade de fazer algo. Mesmo em sua simplicidade, colocaram-se à disposição e se inseriram em um contexto de lutas enquanto poderiam ficar em casa, seguindo suas vidas como se não fizessem parte dessa realidade. A escolha define essas mulheres, a decisão de que algo precisava ser feito. Diante dessa perspectiva é que Regina Dalcastagnè (1996) aponta, em *O espaço da dor*, uma recomposição do lugar feminino no romance em questão, destacando as mulheres que, como Amália, aguardavam em casa seus entes ou mesmo buscavam por eles em meio aos conflitos. Dentre elas, muitas eram mães e, por mais simplório que possa parecer, o amor pelos filhos tornou-se poderosa arma, transformando-as em um inabalável exército invisível.

Ana Maria Colling (1997) afirma que a força dessas mães as tornou temíveis, pois exerciam uma pressão sobre o regime baseada na ética e na moral, uma vez que o papel da maternidade expressa uma instituição universal no interior da cultura ocidental. O poderio de uma mãe que exige respostas e que busca pela liberdade de um filho representa algo capaz de estremecer os muros desse regime:

A participação das mães na luta contra a repressão tem se constituído em um fato político extremamente importante. É o caso, por exemplo, do movimento das mães dos desaparecidos políticos argentinos, movimento que ficou conhecido como Mães da Praça de Maio. Chamadas de loucas pelos militares, menosprezadas e subestimadas pelos setores conservadores da sociedade argentina, essas mães

se transformaram em símbolo mundial dos direitos humanos. Elas se tornaram perigosas para a ditadura militar porque ousaram sair da esfera privada e entrar para a vida social e política do país. Juntamente com outras organizações de direitos humanos contribuíram decisivamente para mudar o curso da história argentina. (COLLING, 1997, p. 66)

No Brasil tem-se o caso de Zuzu Angel, estilista mineira que teve seu filho Stuart preso e morto pelas forças repressoras. Ela empreendeu vigorosa busca por respostas, enfrentando homens de alta patente militar na tentativa de reaver o corpo do filho. Durante o período, negou-se por muito tempo que os militares fossem os responsáveis pela morte do jovem, mas hoje sabe-se que ele foi morto e seu corpo, segundo depoimentos da Comissão da Verdade, enterrado em uma das bases aéreas do Rio de Janeiro.

Assim como ela, muitas outras mães passaram incontáveis dias em busca de seus filhos, sem saber o que deles havia sido feito. As esperas intermináveis se transformaram na iniciativa de ir à luta. Em *Tropical sol da liberdade*, ao refletir sobre uma proposta que lhe é feita por um amigo de contar sobre o período ditatorial e a repressão, Lena percebe que não é possível ignorar a presença dessas mulheres que se colocaram na linha de frente para proteger a todos:

Se algum dia, como Honório desejava, se escrevesse a história da mulher brasileira na periferia dos fatos, sua trajetória para a consciência política, esse relato tinha que passar pelo movimento estudantil de 1968. E, nele, pela Passeata dos Cem Mil, onde a multidão elegeu uma mãe que a representasse, numa antevisão das inúmeras mães que iam fazer sua via-crúcis pelos porões do regime nos anos seguintes à cata de notícias dos filhos, e que, se no Brasil não chegaram à organização que as mães argentinas iam atingir depois, ao se assumirem como “*As Loucas da Plaza de Mayo*”, nem por isso sofreram um pesadelo menor. Como se houvesse termômetro de pesadelo ou uma escala Richter de medir perda de filho. (MACHADO, 2012, p. 97)

Os efeitos do regime no interior das famílias foram imensuráveis, mesmo naquelas em que todos os filhos, pais, maridos e esposas retornaram à casa. Logo ao abrir o primeiro álbum de fotografias, Amália e Lena relembram um evento ocorrido com a filha mais nova, Cláudia, que era uma criança quando os anos de chumbo se iniciaram. Fora logo após uma reunião na reitoria que culminou em uma invasão policial agravada por perseguições e pela tão comentada ação do Campo de Botafogo¹. Nos dias seguintes a esse ocorrido toda a cidade já estava sabendo e, em

¹ Na noite de 20 de junho e na madrugada que se seguiu, o campo do Botafogo serviu de espaço para o confinamento de centenas de estudantes que foram presos após uma reunião na reitoria da

uma época em que ainda se podia fotografar e noticiar, esse horror veio estampado nos jornais e adentrou as casas das famílias:

Mas Amália até hoje sentia de novo o choque que a atingiu quando viu pela primeira vez a pequena Cláudia brincando de campo de Botafogo com as bonecas, todas enfileiradinhas, deitadas de cara para o chão, enquanto outra, pela mão da menina, passava entre elas de um lado para o outro dando chutes em meio aos gritos e xingamentos de Cláudia. No primeiro impacto, quando viu a cena, Amália não resistiu: teve que sair da sala e chorar. Teve vontade de chorar todas as lágrimas presas na garganta nesses últimos dias. Mas não podia se dar a esse luxo. Andava tão preocupada com os filhos maiores, nem se dera conta do mal que a situação estava fazendo à menorzinha. (MACHADO, 2012, p. 80)

A destruturação causada por eventos traumatizantes como os vividos nos finais da década de 60 e nos anos que se seguiram exigiu dessas mães e mulheres muito mais do que proteção. Cláudia, com apenas 6 anos, fez sua mãe repensar seu papel e, principalmente, questionar a dimensão de seus cuidados sobre todos. O marido de Amália, um advogado, envolveu-se nos conflitos, sempre tentando resolvê-los da melhor forma possível, para que o movimento estudantil e, em especial, todos os filhos do casal voltassem vivos para casa depois de cada passeata. Ao longo das ações executadas pelo grupo e descritas no romance, ele é responsável por zelar judicialmente por esses jovens, sendo sempre chamado quando a situação se encaminhava para uma possível repressão física.

Relatos da história

Regina Dalcastagnè (1996, p. 130-131) destaca, ao discutir o romance de Ana Maria Machado, seu caráter documental proveniente dos “dados quase jornalísticos”, dos detalhes e do tratamento conferido às passagens da história do país reconstituídas no interior da narrativa. A protagonista Lena é jornalista e irmã de jovens inteiramente envolvidos com o movimento estudantil, portanto, esteve nos bastidores da repressão e viu sua família ser tragada para dentro desse conflito. Seu lugar torna-se importante para pensar a nitidez com que recria momentos de violência trabalhando as palavras, embebendo-os na sensibilidade de quem não está distante da ação, mas sim orbitando em torno do centro.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A polícia montou um cerco aos estudantes no campus a fim de conseguir alcançar suas lideranças, mas, em meio à confusão que se seguiu, muitos conseguiram escapar. Os que restaram, foram presos e levados ao campo de futebol e mantidos no chão durante a noite toda, impossibilitados de se defender das agressões que lhes eram desferidas pelos policiais. As horas de violência e humilhação constantes estamparam os jornais pela manhã, estarecendo a população.

Para Lena, acontecimentos como a Passeata dos Cem Mil² fizeram parte não somente do passado nacional como também de seu próprio. Assim, eventos reais são mergulhados nessa experiência individual, revestidos pela subjetividade da protagonista – e também de Amália, sua mãe, que com ela relembra tais fatos – e devolvidos à narrativa como indícios de um movimento que atenua os liames entre público e privado, coletivo e individual, nacional e familiar.

No capítulo IV do romance, quando tem início o revirar de lembranças, Lena explicita que essa época de sua vida, a ditadura, não constitui algo que ela possa esquecer e, por isso, a precisão de datas, o decorrer dos meses ao longo de 1968 se faz tão claro em sua memória. Nesse ano, a morte do estudante Edson Luís de Lima Souto foi o prenúncio de que tudo mudaria e ficaria mais difícil para as esquerdas, mostrando que o regime havia extrapolado todos os limites ao atentar contra a vida e a integridade de milhares de homens e mulheres:

Isso tinha sido em março, lembrava Lena. Começo do ano letivo. Uma manifestação qualquer, comum, corriqueira, de estudantes contra um aumento de preço da refeição. A polícia chegou atirando e matou um garoto, depois quis carregar o corpo para longe, sumir com ele. Os estudantes não deixaram. Brigaram pelo cadáver e acabaram ganhando. E o menino pobre e humilde, vindo do interior para completar os estudos na capital, acabou assassinado pela polícia e velado por uma multidão no salão nobre na Câmara Municipal, cada vez chegando mais gente, todo mundo acordado a noite inteira, diante dos boatos de que a repressão vinha buscar o cadáver. Uma vigília tensa e nervosa, com a sensação geral de que, dessa vez, eles tinham passado dos limites. Mal sabiam todos que aquilo era só o começo. Março de 68. Início do ano letivo. Começo de um calendário fatídico. (MACHADO, 2012, p. 71)

1968, ano fatal que culminaria, em 13 de dezembro, na implementação do Ato Institucional nº 5, que acabou por cercear toda a liberdade restante no país. O regime se torna mais agressivo e a repressão aumenta. O fato citado por Lena mobilizou toda a cidade e abriu as portas para um medo que os militantes ainda não haviam sentido. Ou seja, a possibilidade de os militares impedirem o enterro do companheiro, o cerco que poderia haver durante a caminhada até o cemitério, tudo unia-se à dor e ao sofrimento da morte de um inocente:

Não ia esquecer nunca e não entendia como tanta gente esqueceu tão depressa. Lembrava cada detalhe. Os portões do cemitério tinham sido fechados quando

² Uma das maiores ações de protesto realizadas no período, a Passeata dos Cem Mil, ocorrida em 26 de junho de 1968, foi organizada pelo movimento estudantil. A marcha reuniu diversos grupos sociais nas ruas do centro do Rio de Janeiro, desde a classe intelectual até o clero, todos manifestando-se contra a violência, pedindo o fim do regime e a volta da democracia.

o cortejo chegou – “ordens superiores”. Nesse momento Lena teve medo. Sentiu a arapuca, a armadilha, os preparativos para um massacre. Não dava para imaginar que alguma autoridade responsável julgasse possível conter a energia que vinha impulsionando aquela multidão para aquela sepultura, o ímpeto que empurrava para a frente por cima da distância, das proibições, da escuridão da presença ostensiva do aparato policial rondando o tempo todo, de todo o tipo de provocação. Os portões fechados eram uma isca, um convite ao quebra-quebra, ao começo de uma catástrofe. [...].

Mas era impossível prever. A missa de sétimo dia, a missa de trigésimo dia, a cavalaria solta por cima das pessoas nas escadarias da igreja, soldados de sabre desembainhado avançando para cima de todo mundo, padres de mãos dadas formando uma corrente humana tentando proteger os fiéis da sanha policial.

Não dava para esquecer nem confundir datas. Mais do que qualquer outro, esse tempo passou deixando marcas na carne viva de cada mãe.

Amália não esquecia. (MACHADO, 2012, p. 73-74)

À morte de Edson Luís seguiu-se o horror que foi o acuartelamento dos estudantes no campo do Botafogo, já citado, ocorrido após uma reunião na reitoria, em meados de junho. A violência se escancarou nesse dia, com as agressões desferidas contra os estudantes, e se acentuou nos meses que se seguiram, na forma de novas prisões e atentados contra a liberdade da população. Em *Tropical sol da liberdade*, essa sucessão de eventos evidencia o modo como a repressão foi se assomando não somente sobre os militantes, mas sobre todos, fechando seu cerco com força descomunal:

Todo mundo leu as reportagens, viu as fotos, a televisão mostrou. O choque foi geral. O mesmo gramado de futebol onde pouco tempo antes as pernas tortas de Garrincha tinham alegrado a alma brasileira com seus dribles agora era o contrário de qualquer festa. As fotos mostravam centenas de jovens de cara para o chão, deitados pelo meio de soldados que não deixavam ninguém levantar, distribuindo botinadas na cabeça, golpes de coronha nas costas, mijando na cara dos estudantes deitados, ameaçando com metralhadoras. A brutalidade das cenas, a cruza dos relatos, o exagero sádico e odioso daquilo tudo, a desproporção de forças, a crueldade, enfim, tudo foi uma porrada na cabeça da cidade. Nos dias que se seguiram, ninguém falava de outra coisa. (MACHADO, 2012, p. 79-80)

Com a repressão intensificada em 1968, o movimento estudantil entrou na clandestinidade, assim como, paralelamente, as diversas famílias que permaneceram ao lado de seus filhos, militantes, como no caso de Amélia. Ainda em 1968, Lena relata uma passeata proibida em Copacabana, sob a liderança de seu irmão Marcelo

e de todo o movimento estudantil, em apoio à soltura de um companheiro preso. Todos os irmãos da protagonista estavam presentes e, quando as forças repressoras apareceram, os manifestantes se colocaram no combate corpo a corpo para proteger as lideranças enquanto elas escapavam do conflito. Lena fugiu e esperou ser perseguida para que pudesse despistar os policiais e dar chance a outros de fugirem também:

Tinham ficado poucos manifestantes por ali. Mas ninguém hesitou. Era rápido, mas parecia câmera lenta de cinema, dava para ver cada detalhe, prestar atenção em cada coisa. A visão dos policiais e dos cachorros cada vez mais perto. O som do latido nervoso e o rosnado dos cães, das botas dos soldados correndo ritmadas pelo asfalto, dos gritos que vinham de todo lado. (MACHADO, 2012, p. 100)

As marcas desse ocorrido ficaram claras na memória de Lena e os sons de latidos e da correria tornam essa lembrança ainda mais vívida. É impossível esquecer acontecimentos como esse, justamente o que torna ainda mais impressionante o fato de que as pessoas se permitiram fechar os olhos para tais horrores, mesmo com os meios de comunicação noticiando-os. E continuaram ignorando até o momento em que nada mais pode ser divulgado e a perseguição aos jornalistas também se iniciou. Marcelo havia acabado de ser libertado da prisão e aguardava a liberação dos outros cinco militantes mantidos presos; quando a notícia veio, teve-se a certeza de que esses cinco não voltariam, apenas se multiplicariam pelas celas cadeia afora:

Veio pelo rádio. Na voz de um locutor profissional que nunca mais Lena conseguiria ouvir sem sentir um engulho. Os militares reagem, decretando o fim do que ainda sobrava da Constituição. E promulgavam um novo ato institucional, o quinto, que depois ficaria conhecido e execrado apenas por uma sigla famigerada, o AI-5. E aí se fechava o Congresso, se censurava a imprensa, se cassavam mandatos, punindo parlamentares, juizes, ministros, jornalistas, intelectuais, estudantes, operários, todo mundo que em algum momento tivesse tido a ousadia de imaginar que o país poderia viver de alguma forma que não fosse debaixo das botas dos militares. (MACHADO, 2012, p. 211)

Lena sentiu o peso do decreto não somente no âmbito familiar, pela relação com o irmão e pela certeza de que ele se tornaria um procurado do governo se mantivesse suas ações, mas também no âmbito profissional, vendo a redação do jornal em que trabalhava se encolhendo diante da imensidão da censura imposta. Seu próprio chefe colocava-se ao lado do governo, posição imperdoável quando muitos de seus amigos padeceriam em celas e seriam exilados e declarados fugitivos. Tem início uma fase obscura para o jornalismo brasileiro e igualmente

um movimento de resistência via escrita, não somente nas edições de jornais, mas também em todas as outras produções culturais brasileiras: “Houve jornais que publicaram receitas culinárias, trechos de *Os lusíadas*, histórias em quadrinhos, desenhos, no lugar das matérias vetadas. Ou seja, pelo menos era possível fazer jogo limpo com o leitor, era possível informar que havia cerceamento à informação [...]” (MACHADO, 2012, p. 160).

Um dos últimos eventos que Lena relata é o sequestro do embaixador americano, sobre o qual ela toma conhecimento da veracidade na redação do jornal, quando se depara com a carta enviada pelos sequestradores pedindo, em troca da liberdade de Embrick, a libertação de uma série de presos políticos. Nesse momento, com a leitura dos nomes, ela teve certeza de que o irmão estava envolvido. Após esse episódio, mais sequestros foram tramados e executados. Assim, outros diplomatas foram trocados por mais prisioneiros – estes enviados para a Argélia.

Tropical sol da liberdade (2012) aborda o tema do exílio por meio da experiência de Lena, que foi para a França com seu marido após a perseguição de Marcelo, seu irmão, pois a busca por informações envolveu toda a sua família e a única forma que encontrou para permanecer firme foi se afastando de tudo e todos. Lá ela se depara, pela televisão, com a libertação de outra parte dos militantes, e a descrição do estado físico dessas pessoas é aterradora, fazendo com que o leitor se veja frente a uma dimensão da violência explícita que, até então, não se destacava no romance:

A televisão mostrou, rapidamente, em poucos segundos, o estado físico dos que foram libertados. E Lena, sentadinha na sala de seu apartamento em Paris, viu o que o Brasil se recusava a ver. Viu a moça descer do avião carregada por um companheiro, porque não podia mais andar. Viu as cicatrizes no corpo de Honório, em *close*. Viu as pernas e os antebraços de Rodrigo, atrofiados, subitamente finos, de ficarem pendurados no pau de arara. Viu as gengivas de Gabriel em carne viva, uma chaga só, de tanto levar choque elétrico. As lágrimas queriam impedi-la de ver mais. Mas ela tinha que ver tudo, era o mínimo que podia fazer. Ver para contar. Ver por ela mesma e por Roberta, que a essa altura, em algum ponto do Brasil, já clandestina, devia estar festejando a libertação do irmão. E por Teca. E por Julinho, irmão de Rodrigo, tão menino ainda em seus treze ou quatorze anos e já preso também, na solitária, e passando por todos os horrores que causavam os resultados que ela agora via, através das lágrimas, na tela da televisão francesa. E pela mãe deles. E dos outros. E por todas as mães e irmãs, e pais, e irmãos, e filhos, e amigos, e conhecidos, e desconhecidos, por todos que tinham tido a desgraça de nascer no Brasil nessa geração tão abandonada por Deus e esmagada por um punhado de homens a serviço de interesses estratégicos de outro país. (MACHADO, 2012, p. 289)

Constituindo outra passagem de difícil leitura, a escrita de Ana Maria Machado dá voz à dor de toda uma parcela da nação que se mostra consciente dos horrores impostos por um regime autoritário e que se vê impossibilitada de lutar de maneira igual contra o sistema repressor. Esse sentimento de impotência se acentua nas lembranças da protagonista, quando rememora os tempos vividos no exílio.

Exílio: o dimensionamento da dor na experiência

Com o endurecimento do regime militar, nos anos finais da década de 1960, o exílio se tornou prática recorrente, tendo em vista que a permanência em solo brasileiro se dificultou com o grande número de perseguições, de prisões e com o cerceamento da liberdade. Em “Memórias no Exílio, memórias do Exílio”, Denise Rollemberg (2007, p. 202-203) afirma que o crescente número de exilados se deve ao fato de que:

Exilado não foi exclusivamente aquele atingido pela repressão, perseguido diretamente por suas posições ou práticas políticas. Exilado foi também quem deixou o país recusando-se a viver sob uma ditadura. Exilados foram também homens, mulheres, adolescentes e crianças que partiram não devido às suas atividades, mas acompanhando seus maridos, esposas, pais e mães. Foram todos exilados. Nesta perspectiva ampliada, o exílio foi vivido tanto pelos trocados por diplomatas nos sequestros, como os que saíram ilegalmente pelas fronteiras, como pelos que deixaram o país legalmente, com passaporte expedido pela Polícia Federal.

Segundo a historiadora, muitos deixaram o país assim que ocorreu o golpe, mas retornaram tempos depois. No retorno, perceberam que a situação do país se encaminhava para algo insustentável. Por isso, em 1968 partiram novamente. Em um primeiro momento, os países de destino se restringiam à América Latina, mas, quando outras ditaduras se instalaram nesses países vizinhos, essas pessoas foram se distanciando e buscando países na Europa, como França e Alemanha. A condição de exilados foi, aos poucos, se transformando na de refugiados. A isso se aliou a sensação crescente de perda de identidade por estar distante do país de origem.

Em *Tropical sol da liberdade*, Lena e Arnaldo – seu marido – foram para a França; a eles parecia que, por mais difícil que pudesse ser a adaptação, teriam uma vida novamente, mas o exílio nunca é algo com o qual se possa acostumar. A identidade do sujeito está intrinsecamente relacionada à língua por ele falada e a imersão em outro idioma ocasiona um choque de culturas; assim, quando esse processo é forçado por meio de um exílio, a identidade entra em xeque no que diz respeito à sua constituição. A passagem de exilados a refugiados, pensada por Denise Rollemberg (2007, p. 205), deixa claro esse conflito, pois tal categorização

vai, aos poucos, aparando as arestas e massificando todos esses sujeitos que, na verdade, em princípio, eram agentes políticos, transformando-os em vítimas de um sistema que os coloca à margem.

Ao instalarem-se em Paris, o casal contou com a ajuda de amigos de Arnaldo, contatos que tentavam viabilizar moradia e emprego. A situação financeira inicialmente ruim aos poucos se resolveria. Conheceram brasileiros que lá também estavam exilados e um círculo de amizades estabeleceu-se. Com o passar do tempo, porém, tudo foi mudando. O contato que tinham com amigos que ainda moravam no Brasil foi se tornando suspeito aos olhos dos demais, logo, o que era uma tentativa de disseminar as notícias da terra natal a todos se transformou em um afastamento por parte dessa nova comunidade. Concomitantemente, as dificuldades financeiras tornaram a acentuar-se com a espera por um dinheiro que jamais foi pago ao casal. Para completar o ciclo de derrocadas, Lena perdeu o filho que esperavam, o que contribuiu para uma crise matrimonial que já se sinalizava.

Esse foi um período de grande sofrimento para a protagonista. O fim de seu casamento, somado a todas as experiências vividas ao longo dos anos de exílio, só acentuou o peso dessa memória que, em maior escala, reflete um pouco daquilo pelo que todos os exilados passaram. A exposição de tais vivências via palavra, portanto, faz-se difícil, pois, para tal, é necessário que toda essa situação traumática seja revista em seu interior e reelaborada, de modo que ela possa olhar para trás sem que isso paralise sua vida. Em “Violência, memórias da repressão e escrita”, Rosani Ketzer Umbach (2012, p. 218) afirma que essas “Memórias da repressão, como os termos sugerem, estão intrinsecamente associadas a experiências individuais de violência. E estão ligadas também à memória coletiva, localizando-se na transição entre literatura, cultura e história.”

A literatura, nesse contexto, encarrega-se de possibilitar a expressão dessa memória de dor, deixando a cargo da linguagem a simbolização de situações traumáticas, resultando nos diversos testemunhos que se pode encontrar sobre eventos catastróficos como a *Shoah* ou mesmo os diversos regimes autoritários que acometeram a América Latina. *Tropical sol da liberdade* não se configura como narrativa de testemunho³, nesse sentido do termo, embora deva-se destacar que, ao longo de seu texto, a autora propõe uma discussão sobre as formas de elaboração do testemunho e o conflito entre fazê-lo e este não ser aceito pela comunidade como verídico devido a crueza das situações e seu caráter, por vezes, inverossímil.

³ A narrativa de testemunho se difere das demais narrativas por sua conceituação advinda dos relatos de sobreviventes da *Shoah*, pois o testemunho está associado ao ato de narrar a experiência da catástrofe. Como aponta Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 48), ao apresentar a questão em *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*, tal relato é marcado pela impossibilidade de encontrar palavras que expressem o vivido, a excepcionalidade da violência e a incompreensão dessa. Assim, na literatura de testemunho aquele que fala “desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o ‘indizível’ que a sustenta” em favor de verbalizar essa experiência da qual é sobrevivente.

Em um primeiro momento, quando confrontada por um amigo que a aconselha a escrever sobre essa experiência, Lena pensa em se valer da forma do documentário, um livro de caráter jornalístico, no qual ela possa contar como se deu todo esse processo político no Brasil e como as esquerdas e, principalmente, como os membros do movimento estudantil agiram. Entretanto, com o passar do tempo, Lena percebe que mais verídico do que escrever seria mostrar, logo, opta por compor uma peça teatral que tematize o exílio e que possa desvelar a toda a dura realidade de quem foi expulso de seu próprio país. Faz-se presente, portanto, um caráter metalinguístico no romance, manifesto na escritura dessa peça, pois ela surge como estratégia de reconstrução linguística das angústias e vivências da protagonista, encenando via texto dramático uma nova história que, em dada medida, é um espelho da própria trajetória representada na narrativa de *Tropical sol da liberdade*.

Nesse contexto, Lena destaca personagens que, baseadas em si própria e em conhecidos, viveram e conviveram, constantemente, com o trauma de serem vítimas de um regime cruel. Diana, uma das personagens criadas por Lena, é uma moça que foi para a França após uma perseguição política que resultou em sua tortura. Durante todas as passagens que constituem trechos da peça, fica claro o pavor que a jovem tem de relembrar o passado, chegando ao ponto de ela sofrer ataques de pânico pelas ruas de Paris por ter avistado o delegado que a torturou, fato que os demais não sabem se é verdadeiro ou apenas ilusão criada por sua mente perturbada:

RICARDO: Ela jura que viu o Fleury numa estação de metrô.

VERA: Que absurdo! Coitada... Como isso fica fundo, né?, ela não se livra nunca desse pesadelo... Até quando será que vai ficar imaginando essas coisas?

RICARDO: Como imaginação, foi uma imagem muito viva. Ela conta que estava dentro do trem, parado numa estação, e viu que ele estava em pé na plataforma do outro lado. Disse que cobriu o rosto com o cachecol, deixou só os olhos e fora e ficou olhando pela janela. Durou alguns minutos, e tem certeza de que era ele, mas não sabe se ele a viu nem reconheceu, aí já entra em pânico total e não consegue falar. (MACHADO, 2012, p. 132)

A passagem culmina na internação de Diana e mostra um trauma que jamais será superado por essa. As experiências narradas por Lena em sua peça são reais, pertencem a pessoas que conheceu ao longo dos anos em que esteve fora, embora não constituam, no texto dramático, testemunhos em sua forma tradicional. Junta-se a isso uma série de relatos que ela guarda, recolhidos de diversas pessoas que encontrou de passagem e que se dispuseram a contar sua história ou mesmo as experiências que estavam tendo nesse país desconhecido e sobre a saudade que sentiam de sua terra.

Juan, o uruguaio que Lena conheceu no exílio, sente-se ressentido quanto ao país que o acolheu, a Suécia, alegando que eles não sabem reconhecer um trabalho voluntário e que tudo eles remuneraram, quando na verdade sua dor é saber que está tão bem assistido nesse país e com tantos direitos garantidos que não conseguirá largar tudo para voltar para um Uruguai em plena redemocratização. Incapaz de ser completamente sueco e nem uruguaio, é um sujeito que não se vê em casa em lugar nenhum. Helena, também uruguaia, tem medo de voltar e enfrentar o ressentimento dos compatriotas que permaneceram em seu solo. Gilda, chilena, professora e dona de uma livraria no exterior, vende exemplares que tratam de temas caros aos povos ibéricos e latino-americanos; é acolhida por todos mas sente medo de que a vejam como alguém que busca levar vantagem a partir da desgraça que acometeu essas pessoas, embora ela também esteja em êxodo devido à mesma conjuntura autoritária que os tornou exilados.

Outras personagens vão aparecendo aos poucos, como Alda, boliviana que incita nas crianças o amor pela pátria que deixaram para trás, e Cecília que, com a ajuda dos amigos, faz festas juninas para as crianças como uma forma de manter as tradições do Brasil em meio a um país estrangeiro. Há também aqueles que há muito perderam a esperança de voltar e consideram a Europa sua nova casa. Alguns, como Adalberto, tornaram-se grandes e queriam dividir seu conhecimento com seus conterrâneos, mas descobriram que seu país não valoriza aquilo que eles têm a oferecer, assim, o melhor que podem fazer é não voltar. São histórias de pessoas que se alternam entre o desejo do retorno e o medo de empreendê-lo.

Lena também tem seus fantasmas e guarda as cartas trocadas com a mãe e a irmã. Nelas conta sobre os problemas enfrentados por ela e pelo marido, como a falta de dinheiro, a impossibilidade de retornar e o anseio por reaver a família. As memórias dolorosas alcançam também Amália, que a cada momento toma mais consciência dos sofrimentos que sua filha guarda. A relação entre elas figura como uma das tônicas do romance, uma vez que as memórias recuperadas ao longo da narrativa, ainda que entrelaçadas fortemente à história do país, constituem-se, primordialmente, como memórias de família. Os espaços reclusos trazem à tona o drama das individualidades, a casa, nesse contexto, coloca-se como um espaço predominantemente feminino, reafirmando o enfoque da obra sobre essas mulheres. A viagem empreendida por Lena à casa da mãe é mais do que uma simples busca por descanso; é, uma vez mais, uma tentativa de voltar a se fortalecer, de se redescobrir para poder seguir em frente, algo que somente um espaço fortemente marcado por lembranças pode oferecer.

Logo no início do romance, a protagonista denota a força da casa, contando como ela foi construída e o que abrigava em seus alicerces. Este é um espaço grande, hospitaleiro, confortável, mas, ao mesmo tempo, incapaz de respeitar a privacidade de quem o habita. Tal descrição é um espelho desta mesma família, na qual os segredos são vistos como incômodo pela figura da mãe, como uma tentativa

de se afastar, de manter os outros distantes. Mãe e filha são muito diferentes e os limites que são colocados entre elas geram um desconforto que ambas reconhecem, mas guardam apenas para si. Amália sabe que a filha sofre, que está doente, mas não conhece a extensão dos danos e nada sabe sobre os medos que a assolam diante da perspectiva de não conseguir escrever e não poder ter filhos. Lena, por sua vez, acaba por enxergar as preocupações da mãe como uma invasão, e as tentativas de reaproximação como oportunidades para ressaltar o quão diferente ela é dos irmãos e quão inapta se tornou para os sonhos que a mãe lhe tinha reservado.

As memórias que carregam sobre o período conturbado que viveram ao longo do regime militar de 64 funcionam como elemento de ligação entre essas duas mulheres tão diferentes. Um passado como o delas, que testou de todas as formas a força da família em permanecer junta, parece atenuar o conflito existente desde as primeiras páginas, ao passo que o retorno a essas lembranças funciona como um meio para retomarem esses laços que aos poucos foram perdendo. As cenas da infância são, para Lena, fundamentais na busca por sua essência e fazem Amália repensar o seu papel de mãe que amou e cuidou dos filhos até chegar o momento de deixá-los partir. As passagens vividas na casa, principalmente no quintal, próximo à amendoeira, deixam entrever reflexões profundas da protagonista sobre o sentido da vida e suas transformações como mulher, as quais encontram sentido metafórico na figura da árvore.

Quando descobre que, mais do que relembrar o passado com as fotos, Lena está revisitando todas as cartas e revivendo toda sua experiência na França, a mãe tenta entender essa estranha necessidade de reabrir as feridas. Ela sabe que esse é um processo necessário à filha, mas ainda assim se sente na obrigação de protegê-la de algo tão sofrido:

Mas que ideia de Helena Maria, ficar escrevendo e lendo essas coisas agora... Por isso é que ficava chorando à toa. Amália tinha vontade de esconder esses papéis, sumir com aquelas pastas todas, para o bem da filha. Mas com Lena ela nunca sabia como podia ser a reação, tinha medo de desencadear uma tempestade. E além disso, a esta altura da vida já sabia também que às vezes a gente precisa mexer nessas coisas doídas e fazer estourar mesmo, não adianta passar o tempo todo fingindo que não dói ou que não há nada. (MACHADO, 2012, p. 241)

Deve-se notar que, para Lena, esse passado não é exatamente algo pendente em sua vida, o exílio, embora doloroso e marcante, não se configura como algo que ela evita e sente receio ao se lembrar, mas como uma etapa que precisa ser revisitada, pois foi um divisor de águas em sua trajetória. Para ela é necessário retomar essas lembranças para que possa entendê-las e seguir em frente, tomar as decisões necessárias para deixar sua doença de lado e continuar com seus planos. O processo de escrita da peça de teatro funciona como uma forma de expurgar as

memórias do exílio e transformá-las em algo aberto, à vista de todos, com potencial de representação não somente pessoal, mas universal, buscando expor por meio de um sujeito o sofrimento de todos aqueles que tiveram suas vidas dilaceradas pela ditadura.

A história factual está fortemente entrelaçada à vida do homem e todos a vivem. Alguns, mais intensamente. O romance mostra exatamente o ponto em que sujeitos comuns se veem atrelados à história de seu país. É o caso, também, de Amália:

[...] pensava em tudo o que tinha vivido e se espantava em ver como os seus dias pessoais e familiares estavam tão entrelaçados com o tempo nacional. [...] não conseguia deixar de sentir que havia uma espécie de maldição que condenava sua vida a se entrelaçar de tal maneira com os acontecimentos políticos de sua época que não podia pensar neles como algo exterior a ela. Tudo vinha de dentro. Como os filhos de seu útero. Maldição ou benção, sabe-se lá o quê. Mais mátria do que a pátria, afinal, tudo parindo e sendo parido das mesmas entranhas. Como se o Brasil fosse ao mesmo tempo filho e mãe dela, mulher brotada das pernas abertas da História, e por sua vez concebendo o futuro do país dentro do ventre. Sequência fêmea e fértil, de dor, sangue e leite. (MACHADO, 2012, p. 147-148)

Para Amália, a história transformou os rumos de sua família. Separou-a de seus filhos, colocou-os na clandestinidade e os enviou ao outro lado do oceano. Assim como ela, outras milhares de mães tiveram suas vidas entrecortadas pelo regime militar e, nessa medida, o romance de Ana Maria Machado tem como objetivo reavivar a história nacional e trazê-la para dentro das casas, relacioná-la, de fato, à vida e ao cotidiano dessas pessoas.

Considerações finais

Tropical sol da liberdade, de Ana Maria Machado, foi publicado no período de redemocratização do país e traz como elemento constituinte da narrativa a representação do regime militar de 1964. O romance entrelaça a história nacional à vida pessoal da protagonista Lena, que se vê de volta à casa da família depois de anos distante, estabelecendo um diálogo entre as dimensões pública e privada, coletiva e individual.

Nota-se que esse movimento feito pela autora difere a sua das demais obras publicadas no período que abordam a mesma temática, uma vez que a discussão se dá por meio de um olhar que se coloca dentro dos movimentos revolucionários, mas sem se ater somente a eles. Nessa narrativa destaca-se, primeiramente, a história de Helena, sua trajetória ao longo dos anos de chumbo, com vistas para o relacionamento dela com sua mãe. A maternidade, como assunto recorrente,

e a organização familiar são pensadas no entorno desses conflitos políticos e de suas possíveis consequências. A clandestinidade do irmão e o próprio exílio da protagonista foram acontecimentos que alteraram a configuração dessa família retratada no romance, decidindo os rumos que seus componentes tomariam e a forma como lidariam com tais eventos.

O retorno à casa familiar, assim como em diversas outras narrativas, constitui-se como uma necessidade de revisitação do passado, como meio para uma reelaboração das experiências e como possibilidade de compreensão e transformação interior do sujeito. Ao se colocar em contato com as lembranças dos momentos vividos, não somente naquele espaço, mas ao longo de toda a sua vida adulta, Lena entende melhor o seu presente e os seus problemas pessoais, que no fundo são resultantes das feridas abertas há tempos em seu exílio.

Por meio da escrita, essa personagem tenta dar conta de representar a dor e o sofrimento vividos fora do país, em um momento em que os amigos eram poucos e a necessidade de se manter distante para proteger a família era maior que tudo. A relação entre mãe e filha aparece permeada por essa distância que, além de física, foi se tornando também espiritual. Amália está, ao longo da narrativa, em uma busca constante pelos laços que se perderam no decorrer dos anos, e isso se dá na medida em que ela se torna capaz de compreender tudo aquilo pelo qual a filha passou e sua necessidade de se expor à dor para poder se recuperar.

As passagens que retomam eventos reais, como a morte do estudante Edson Luís, a noite no campo do Botafogo e o sequestro do embaixador americano são representados, ao mesmo tempo, com a precisão jornalística que faz referência à protagonista e à sua profissão e com a subjetivação de uma mulher que se envolveu nesses conflitos juntamente com o restante de sua família e que teve seu futuro desenhado por esses acontecimentos. A figura feminina se faz forte na narrativa, inserindo em um contexto histórico sujeitos do cotidiano sob uma perspectiva diferenciada e transferindo o drama da repressão das ruas para o interior das casas e das famílias.

GUERRA, M. G. A memory made of shadows: the dictatorship experience in Tropical sol da liberdade. *Itinerários*, Araraquara, n. 50, p. 119-136, 2020.

■ **ABSTRACT:** *The memories from the dictatorship have been widened and got space throughout the last decades, highlighting several ranges which have been affected by such event and its effects either inside public or private scopes. From such perspective, the present work aims to discuss the representation of the military dictatorship on Tropical sol da liberdade, by Ana Maria Machado, published in 1988. The main objective is to analyze how this event was inserted in the characters' family life. The clampdown, the violence, and the exile lived by the main character are remembered in the light of a*

conflicted relationship between mother and daughter, the main characters in this novel, depicting a female point of view concerning the dictatorship, mainly considering the mother figure. In this sense, memory becomes a linchpin to this representation and the country's historical past reordering intertwines with the reconstruction of the family's memories. This process shows the dictatorship's influence on the private universe of those characters, defining their paths. Throughout this process, the writing comes up as a strategy chosen by the protagonist to disclose her experience and recreate the pain she and many others suffered in the past.

■ **KEYWORDS:** *Tropical sol da liberdade. Memory. Military dictatorship.*

REFERÊNCIAS

BARRAZA, Ximena. Notas sobre a vida cotidiana numa ordem autoritária. In: LUIS, M; *et al.* (org.). **América Latina: novas estratégias de dominação**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MACHADO, Ana Maria. **Tropical sol da liberdade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ROLLEMBERG, Denise. Memórias no Exílio, memórias do Exílio. In: FERREIRA, J.; AARÃO, D. (org.). **As esquerdas no Brasil**. Revolução e democracia (1964 -...). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 199-220. 3 V.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. In: _____. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. p. 45-58.

UMBACH, Rosani Úrsula Ketzer. Violência, memórias da repressão e escrita. In: SELIGMANN-SILVA, M.; GINZBURG, J.; HARDMAN, F. F. (org.). **Escritas da violência: o testemunho**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 217-228.

